

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-OP-012

Entrevistado: Carlos Alberto Pereira

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

Data da entrevista: 19/12/2006

Horário da entrevista: 16h

Duração da entrevista: 1h00mim16seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade
(monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Luana Campos e Silva (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 01/03/2007

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 07/03/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Elodia Lebourg – Boa tarde.

Carlos Pereira – Boa tarde.

Elodia Lebourg – Eu queria começar com o senhor dizendo seu nome completo.

Carlos Pereira – Carlos Aberto Pereira.

Elodia Lebourg – Qual a data e o local de seu nascimento?

Carlos Pereira – Nasci em Ouro Preto, em 18 de maio de 1956.

Elodia Lebourg – Qual o nome dos seus pais?

Carlos Pereira – José Raimundo Pereira e Ilda Maria Araújo Pereira.

Elodia Lebourg – Qual a profissão do seu pai?

Carlos Pereira – Canteiro¹.

Elodia Lebourg – Fala um pouco mais do seu pai para a gente. Ele tinha um nome pelo qual era conhecido. Qual?

Carlos Pereira – Seu Mestre Juca, lá no Morro São Sebastião², onde ele nasceu. Eu não estou preparado para falar muito dele, não.³ [emoção] Mas lá ele tinha o apelido de [Tidu]⁴. Na cidade, ele era conhecido por vários nomes, mas o principal é Mestre Juca mesmo.

Elodia Lebourg – De uma forma geral, [inaudível], como você pode definir a contribuição de Mestre Juca para Ouro Preto, para a história da cantaria?

Carlos Pereira – Está muito novo, mas tudo bem. Na verdade, ele vem desde 1939, quando pela primeira vez trabalhou no Museu da Inconfidência⁵. Ele era menino, tinha 16 anos... Claro que isso foi vendo-o contar. Então, foi o primeiro contato que ele teve com rocha. Na época, na restauração do Museu da Inconfidência, ele viu portugueses e espanhóis. Depois disso, ele foi trabalhar na ALCAN⁶, atual Novelis. Trabalhou lá durante 27 anos. Quando se aposentou, reiniciou essa etapa da sua vida como canteiro. Isso já foi em 1980, com o primeiro trabalho que ele fez na cruz do Pilar⁷. Foi sua primeira obra. Ali

¹ Pessoa que trabalha com a cantaria, arte de entalhar e trabalhar a pedra.

² Bairro de Ouro Preto.

³ Mestre Juca faleceu em 2006.

⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁵ Museu da Inconfidência, localizado na Praça Tiradentes, no centro de Ouro Preto.

⁶ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, Novelis do Brasil Ltda.

⁷ Ponte do Pilar, no Pilar, bairro de Ouro Preto.

ele tentou, ele não tinha... Na verdade, ele era um autodidata. Com 16 anos, muito menino, ele viu as pessoas trabalhando. Não tinha essa visão... Ele tinha idéia mais ou menos das ferramentas. Aí ele mandou um ferreiro fazer e foi experimentando: ele fez quatro peças para aproveitar uma. No final, conseguiu fazer a cruz – aquela que vocês vêem na ponte do Pilar, a que está lá. A partir daí, ele começou com essa idéia de tirar, dentro da sua possibilidade, tudo o que estava com cimento... Ouro Preto, a partir de 1930... Quando a capital foi para Belo Horizonte, em 1897, você praticamente não tinha mais canteiros aqui, nem tinha nada de interessante na cidade. Você não tinha pessoas que conhecessem o ofício; então se perdeu um pouquinho. Em 1937, quando houve de novo a valorização, eles tiveram que trazer do Rio de Janeiro⁸ alguns canteiros para fazer algumas restaurações. Depois dessas restaurações, você não tinha mais pessoal apto. Então, foram feitas várias reformas mais de cimento, através de moldes. Isso veio a se modificar, depois de 1980, com essa tentativa dele. A partir daí, ele olhava e experimentava fazer similar ao que era feito no século XVIII. Isso foi, na verdade, até o fim de sua vida.

Elodia Lebourg – E sua mãe trabalhava com o quê?

Carlos Pereira – Ela era a superpoderosa, não é? Na verdade, ela dava suporte para ele poder fazer tudo isso. Ela não aparecia tanto como uma pessoa destacada nessa área, mas atuava principalmente na área de... Isso ele também fazia. Em Ouro Preto, ele era muito conhecido como canteiro, mas, antes de ser canteiro, ele reformava fornos, fazia fogão à lenha, ajudava as pessoas a fazerem várias casas, no fim de semana. Ele era muito conhecido por isso também, porque nunca cobrou nada, sempre trabalhou de graça. E mãe [emoção] ia pelo mesmo caminho, não é? Quando comecei a trabalhar na Amazônia, uma das orientações dela era a seguinte: “Oh, seu primeiro salário? Lembra que está em uma cidade que tem muita gente que passa fome. Então faça o favor, tira um percentual e manda para poder ajudar, porque tem muita gente em dificuldade”. A gente sempre... Desde o primeiro, não é?

Elodia Lebourg – O senhor tem irmãos?

Carlos Pereira – Tinha.

Elodia Lebourg – Algum seguiu uma profissão relacionada à profissão do pai?

⁸ Capital do estado de mesmo nome.

Carlos Pereira – Não. Na verdade só tive um.

Elodia Lebourg – Senhor Carlos, como foi sua formação profissional?

Carlos Pereira – Eu comecei estudando em Ouro Preto mesmo. Me formei na Escola Técnica⁹ – sempre estudei em escola pública – e estudei na Universidade aqui¹⁰. Depois, fui trabalhar por 12 anos na Amazônia. Retornei porque peguei hepatite, malária e outras coisas na Amazônia. Vim me tratar e aproveitei para fazer o mestrado. Fazendo o mestrado... Eu tinha risco de voltar para a Amazônia, porque peguei hepatite B – eu sempre pego o melhor, não é? A B era mais forte, com certeza preferi a B! Como não podia voltar, eu experimentei ser professor substituto. Acabei gostando, apesar de que, desde o início da minha vida, se falasse comigo que eu ia ser professor, eu falava assim: “Pode te internar porque eu não tenho nada a ver com professor!” Acabei que gostei e ainda não me sinto professor. Na verdade, eu acho que estou aprendendo muito, estou tentando aprender dentro dessa vida de professor. A gente tem um grupo de alunos muito bom na Universidade e eu não sei se estou ensinando ou se estou aprendendo com eles. A gente vai misturando essa coisa toda e está dando para fazer um trabalho. Acho que é legal. Para eles, pelo menos, está sendo. Para mim, com certeza!

Elodia Lebourg – Vamos voltar à sua formação. Na Escola Técnica, o senhor fez curso técnico de quê?

Carlos Pereira – De Mineração, para variar, para manter dentro da norma. Depois fiz Engenharia de Minas. Depois fiz mestrado em Tecnologia Mineral, na UFMG¹¹ e fiz doutorado na UFMG também.

Elodia Lebourg – Como morador de Ouro Preto, nascido em Ouro Preto, como era sua rotina de estudante na Universidade? Era diferente da dos demais estudantes que eram de fora e que tinham essa realidade de república¹²? Você sentia isso?

Carlos Pereira – Com certeza! Uma das coisas de que a gente mais reclamava é que a gente não tinha acesso, em Ouro Preto daquela época, década de 1970... Era um rapaz para cada homem! [risos] CAEM¹³ então era

⁹ Escola Técnica Federal de Ouro Preto, atual CEFET, Centro Federal de Educação Tecnológica.

¹⁰ Universidade Federal de Ouro Preto.

¹¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

¹² Moradia estudantil.

¹³ Centro Acadêmico da Escola de Minas, localizado na Praça Tiradentes.

terrível! Você não tinha¹⁴! Eram pouquíssimas. Você não tinha Escola de Farmácia... Tinha Escola de Farmácia, mas não tinha Nutrição nem outros cursos. Então, as pessoas que moravam nas repúblicas tinham muito mais vantagem do que nós, nativos. E também tinha essa coisa... Por nascer nas montanhas, eu acho que a gente é um pouco retraída, tímida, você não tem tanta facilidade na hora de se expressar. A única coisa que me facilitou a vida um pouquinho, na hora de me expressar, foi a Amazônia: na hora em que saio deste mundo e chego lá e me deparo com aquela floresta imensa...! Você largado lá no meio, você tem que se virar! Não tinha Senhor Juca nem Dona Ilda para me darem apoio. Eu tinha que me virar, entendeu? A partir daí você vê: “Ah! Se eu errar também não é tão importante assim!” Porque a timidez vem muito disso, do medo da gente errar. Você sai para o mundo, aí fica mais fácil.

Elodia Lebourg – Mas e os anos da graduação? Você fez faculdade de quê?

Carlos Pereira – Fiz Engenharia de Minas. Na época, era muito diferente do que é hoje. A Universidade oferecia apenas a monitoria para você. Você não tinha projetos de extensão, como hoje a Universidade dispõe. Você não tinha pesquisa, não existia isso. Por isso, muitas vezes, eu não entendo como alguns saudosistas valorizam tanto a Universidade antiga! Ali a gente era muito presa. Para te ser sincero, quando saí, eu não estava preparado ainda. Está que outros estavam! Mas, pela minha formação e pela minha vivência, eu não estava preparado para assumir um trabalho em empresa. Na verdade, eu fui adquirir isso *a posteriori*, no contato com a empresa. Hoje não. Eu vejo meus alunos: eles estão saindo muito melhor preparados do que eu era na época. Não se compara! A maioria dos que querem principalmente... Mesmo os que não querem, mesmo assim eles ainda saem no máximo, comparando comigo. Eles já saem em uma situação muito melhor, melhor preparados.

Elodia Lebourg – Na graduação teve a possibilidade do senhor se especializar em alguma área ou, pelo menos, surgiu o interesse de especialização?

Carlos Pereira – Não. Quando você não tem pesquisa, não tem extensão... E os professores, naquela época, se restringiam a dar aula. Não tinham esse contato que nós temos hoje. Hoje, um professor passa o tempo todo dentro da

¹⁴ Mulheres.

Universidade. Na época, não. Você tinha obrigação de dar aula e você ia para casa ou você ia fazer outra coisa. Como você não tinha projeto, não tinha pesquisa, você não tinha contato, você não tinha como crescer. A única forma de você melhorar era através dos estágios. E os estágios, até hoje ainda, não são tão... Eles não ensinam tanto quanto um trabalho de pesquisa, através do qual você desenvolve sua escrita. Desenvolve sim, porque você é obrigado a fazer isso. No estágio não se é exigido nessa mesma proporção, não é? Então, na época, a gente tinha pouca possibilidade. Você só tinha o estágio para complementar o seu conhecimento. Pelo menos que eu me lembre, não é? E a monitoria era muito específica: era só você dar atenção para o aluno.

Elodia Lebourg – Assim que se formou o senhor foi para a Amazônia?

Carlos Pereira – Eu penei uns oito meses, porque me formei em 1981, quando era difícil arranjar emprego e as opções de trabalho eram muito poucas. Com muito custo, primeiro fui parar no Pará, em um garimpo. Trabalhei durante quatro meses em um garimpo. Esse garimpo era assim: você chegava à Transamazônica¹⁵ a Deus dar, porque você ia empurrando o ônibus que vivia atolando pelo caminho. Quando você chegava lá, você descia e pegava um caminho, uma picada – 30 quilômetros a pé. Você saía às cinco horas da manhã e chegava lá perto do acampamento – eu pensava que não ia chegar mais – às quatro horas da tarde. O acampamento era daquele jeito! Lona escura, essa lona preta. Você tinha banheiro: a mata à esquerda era da administração; a da direita era da peãozada [risos]; e o banheiro era no meio do rio. Você dependurava um caneco lá, ia jogando água e ensaboando. Era assim. Esses quatro meses... Na hora em que saí de lá eu falei: “Caramba! A vida é muito boa! Ainda estou vivo!” [risos]

Elodia Lebourg – Mas o senhor foi para lá trabalhar com o quê?

Carlos Pereira – Fui trabalhar em uma pequena empresa que pesquisava ouro. O objetivo deles era aproveitar uma área que era de garimpo e fazer um levantamento da reserva de lá, depois requerer isso junto ao DNPM para lavra. Todos aqueles trâmites da...

Elodia Lebourg – Requerer junto ao quê?

Carlos Pereira – DNPM.

¹⁵ Rodovia que liga, atualmente, o Tocantins ao Amazonas.

Elodia Lebourg – O que é isso?

Carlos Pereira – Departamento Nacional de Produção Mineral. É o órgão responsável pela mineração, pelas... Ele estabelece normas para você ter acesso à lavra, à pesquisa e tudo mais no país.

Elodia Lebourg – O senhor ficou uns quatro meses no Pará.

Carlos Pereira – Sim. Quatro meses em um local assim meio diferente, não é? [risos] Era aquela coisa. Você estava em um meio... Só tinha eu de engenheiro, na época. Os outros já tinham saído, tinham ido para... Um saiu com malária, carregado por 30 quilômetros, não é? Agora ele está até na Mongólia. Esse aí é especialista! [risos] Um está até aqui, em Ouro Preto: o Osmar, também trabalhou lá, mas... Osmar.

Elodia Lebourg e Bernardo Andrade – O Kelé¹⁶?

Carlos Pereira – Não. Esse é outro Osmar. É o Osmar que trabalha na Passagem de Mariana¹⁷. Ali tem rochas ornamentais dele. Mas era um lugar meio... Ali eu aprendi um pouquinho também a ter medo. Nunca tinha tido medo, mas acontecia cada coisa lá que não dá para contar tudo hoje aqui. Mas foi a primeira vez em que tive medo na vida, não é? A gente estava preparando um campo de pouso para um avião pequeno aterrizar, para chegar ao lugar... Nesse negócio, nós ficamos uma semana comendo só arroz branco, sem nada, porque tinha acabado o sal e tudo. Tudo vinha de burro. Nós ficamos uma semana no arroz. O dia em que chegou feijão, eu nunca dei tanto pulo de alegria, porque tinha chegado feijão! Tem sentido isso? E eu era um cara chato dentro de casa! A partir daí, nunca mais! Eu chegava em casa, mãe ficava: “Uai¹⁸, menino! Você não fala, você não reclama de nada!” Eu falei: “Mãe, não tem do que reclamar. Não tem sentido!” [risos] Entendeu?

Elodia Lebourg – A primeira vez que o senhor saiu de casa foi para ir para o Pará.

Carlos Pereira – Sim. Com 25 anos eu fui sair de casa. Vê se pode?! Fiquei aproveitando o colinho da mamãe enquanto pude. [risos]

Elodia Lebourg – E aí, depois desses quatro meses?

¹⁶ Osmar Alves de Oliveira Júnior, o Kelé, entrevistado pelo Vale Registrar.

¹⁷ Distrito de Mariana.

¹⁸ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

Carlos Pereira – Aí eu fui para a Paranapanema¹⁹, em Rondônia, que também foi outro caos! Mas foi muito bom. Se eu tivesse que voltar, faria tudo de novo, porque foi lá que eu aprendi um pouquinho a enxergar... Raramente a Universidade te oferecia isso; tanto é que, dentro do meu departamento, sou eu que atuo mais nessa área de extensão. Em Rondônia eu comecei a observar que, dentro de qualquer empresa – não importa se for mineração, o que for –, você obtém resultados muito interessantes a partir do momento em que você começa a enxergar as pessoas que estão ao seu lado. Você não pode se restringir só à parte técnica porque senão... Os resultados que nós obtivemos em um período muito difícil lá... A princípio, eu tinha uma visão técnica, exclusiva. Eu me preocupava muito com a recuperação, com a lavra, com o desmonte. Aí eu peguei malária. Aí mudei um pouquinho. Quatro meses depois eu peguei hepatite B e fiquei me tratando por 10 anos. Ninguém entendia: “Pô! O que esse cara está fazendo aqui na Amazônia?” E eu continuei. Nesse negócio, depois que eu peguei, meu fígado começou a necrosar. Chegou o médico e falou: “Oh, eu te dou uns seis meses”. Eu não falei com ninguém, não. Se eu falasse com mãe e com a minha mulher seria um caos, não é?

Elodia Lebourg – Nessa época o senhor já era casado.

Carlos Pereira – Já era. Isso em 1987. Aí eu falei: “Caramba! Eu tenho seis meses de vida! O que eu vou fazer com esses seis meses?” Tinha lá uma igreja por terminar e comecei: “Ah! Vamos terminar essa igreja. Pelo menos eu acho que dá tempo”. Acabamos a igreja e eu falei: “É. Parece que ainda tenho mais uns dias”. Então, na Amazônia, o ser humano, a mocinha, o rapazinho partem para a vida sexual muito cedo. Preocupada com isso, a gente começou: “Cara! O que a gente pode fazer para mudar isso?” “Ah!” Inventamos um catecismo. Mas quem... Nem em Ouro Preto as crianças gostam muito de ir ao catecismo! Aí nós inventamos um jogo de futebol. Para participar dele tinha que ir ao catecismo. A gente saía jogando naquelas linhas do [INCRA]²⁰. Umas... O governo larga esses pobres coitados perdidos nesse fim de mundo, e sem condição nenhuma. Então, nós começamos a nos aproximar desse povo. Fazíamos uns jogos ao sábado e domingo, para uma criançada na faixa de 10 até 16 anos. Saíam para aquelas linhas jogando futebol. Aí eu me aproximei

¹⁹ Grupo Paranapanema, localizado em Massangana, Rondônia.

²⁰ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

dessa turma toda e foi muito interessante isso. Ao mesmo tempo, a gente começou a fazer festas para nossa peãozada. Eu tinha muito carinho com essa turma e eles também comigo. Tanto é que, quando me casei, eles me deram um dinheiro – não sei de onde tiraram – que dava para eu ficar três dias em um hotel, no Rio Copa²¹. Eu fiquei lá no Rio, com tudo pago, por conta deles. Eu fiquei meio assim, mas eles me deram, então vamos lá, não é? A gente formou uma equipe, na verdade. É disso que, em qualquer lugar, você precisa. Para você ter resultado, você precisa disso. E é isso que eu tento passar para os alunos hoje. Você precisa enxergar as pessoas e trazê-las para trabalhar com você, juntas. Você não precisa nem de conhecer muita coisa, mas você tem que estimular, porque as pessoas são capazes de muitas coisas que, muitas vezes, nem percebem. Fui aprender essa coisa toda na Amazônia, com esse pessoal. Porque aí nós fazíamos uma festa... “Ah! Vamos fazer a festa do melhor funcionário daqui”. Aí era um operador de monitor. Eles votavam em quem eles queriam, não era o engenheiro. O engenheiro não tinha nem direito a dar opinião! Só eles podiam falar. Dentro disso, a gente comprava um Oriente²², que pesava no pulso, aquele relógio muito pesado e... Essa coisa toda. A gente fazia uma festa, uma lambada²³. Falam que a lambada foi na Bahia. Conversa! Em 1987 já tinha lambada ótima lá! [risos] [Eles tiram o chapéu.]²⁴ Eu ficava só até as onze horas²⁵, porque eu não bebia, não bebo, nunca bebi. Claro que o pessoal bebia, mas na hora em que eu reparava que estavam começando a ficar tontos, eu saía e os deixava à vontade. Eu gostava de dançar e eles não entendiam como um cara dançava sem ficar tonto. Não era bom de lambada, não, mas dava os meus passinhos. Com essa coisa, a gente acabou criando uma amizade com o pessoal. Até hoje... Já passou o quê? Saí de lá em 1995, por aí. Até hoje eles me ligam para saber se eu estou vivo e o que está acontecendo comigo, entendeu? Eu mesmo, eu fico preocupado com eles. Então, nós criamos... Eu não tive medo de me relacionar. Eu ficava mais tempo na casa do operador de monitor, de não sei o quê, do que no meio dos engenheiros. E essa nossa satisfação era mútua. Era

²¹ Rio Copa Hotel, localizado em Copacabana, bairro do Rio de Janeiro.

²² Oriente, marca de relógio.

²³ Tipo de dança.

²⁴ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²⁵ Vinte e três horas.

muito legal esse convívio! Criamos um espaço diferente. Um dia, eu escrevi para a diretoria da empresa, falando: “Olha, lamento muito! Vocês já perderam essa empresa e nem repararam!” O cara: “Ah! Por quê?” “Ah, porque nós gostamos tanto, que nós não estamos nem aí se vocês vão continuar ou não nos pagando mal. A gente vai fazer de tudo para dar resultado aqui, entendeu? Porque a gente quer dar resultado é para a gente, não é para vocês mais. É para satisfação nossa e do nosso grupo. Agora, se vocês vão reconhecer isso ou não, pouco nos importa! Nós queremos que dê resultado”. Então, é disto que a gente precisa: trabalhar com felicidade em qualquer lugar. Muitos ficam presos a salário. Salário pouco importa. Se você ganhar mil, você vai querer ganhar dois mil e vai gastar os dois mil do mesmo jeito e não adianta nada. Você nunca vai estar satisfeito. Com dinheiro você não fica. Mas quando você forma uma equipe, você fica satisfeito de ver essa equipe evoluindo. Até hoje fico bobão quando vejo os alunos da Escola²⁶, que trabalham comigo... Primeira vez, na hora em que eu descubro que eles conseguiram emprego, eu fico satisfeito. Agora, quando os tratam mal, eu viro bicho! Já briguei com várias empresas aí por não darem retorno adequado para eles; às vezes, até passo um pouquinho dos limites. Acaba que você, sem querer, se envolve mais até do que manda a ética, às vezes, não é? Mas você está no mundo, você é vivo, você tem sentimento! Então você quer o bem deles.

Elodia Lebourg – Senhor Carlos, como foi seu ingresso na Universidade?

Carlos Pereira – Foi meio estranho. Para te ser sincero, eu ia tentar uma primeira vez, fiquei com medo e desisti. Achei que não dava conta daquilo. Aí eu falei: “Caramba! Mas qual opção eu tenho? Ah, vou tentar de novo!” Meu primeiro semestre de aula foi terrível! Coitados dos alunos! Eles devem ter sofrido comigo, porque eu era inseguro, não conhecia tanto o que eu precisava conhecer. Depois, você vai tendo tempo e vai melhorando um pouco. Para te ser sincero, até hoje eles ainda sofrem comigo, porque na minha cabeça eu penso muitas coisas juntas. Acabou que com isso, no mestrado... Aí eu era professor substituto. Até me chamaram atenção: “Você é doido! Vai ser professor substituto, ganha mal...”. Eu falei: “Ah, sei lá! Mas eu quero ser”. Minha outra opção... Se eu não arranjasse esse trabalho, tinha pensado em ser

²⁶ Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

até pipoqueiro, porque estava difícil arranjar emprego! Na época, na Praça²⁷, não tinha nenhum pipoqueiro bom. Falei: “Qualquer coisa eu vou para esse lado”. Mas como eu consegui... Aí fui evoluindo dentro da Universidade. Quando houve o concurso para efetivo era só para doutorado. Como tinha pouco profissional – [não era igual a]²⁸ esse *boom* que está acontecendo agora na Engenharia de Minas –, acabei que entrei. Fui um dos últimos na época. Agora está até admitindo alguns com mestrado só. Mas eu entrei com mestrado em 1995. Não, 1997.

Elodia Lebourg – Então o senhor já tinha feito mestrado.

Carlos Pereira – Em 1997 sim, quando surgiu a vaga. Mas em 1995, quando entrei como substituto, eu estava terminando o mestrado.

Elodia Lebourg – Onde foi o mestrado?

Carlos Pereira – Na UFMG, em Tecnologia Mineral. Mas eu fui trabalhar com desmonte e com geoestatística, o que não tinha nada a ver. Então, minha vida é assim: eu mudo sempre à deriva, de acordo com as oportunidades! [riso]

Elodia Lebourg – Geoestatística?

Carlos Pereira – É. Geoestatística é muito utilizada para se avaliar um jazimento. Você usa estatística para facilitar: ela é uma ferramenta para você avaliar essas reservas. É usada para outras coisas também, mas principalmente na avaliação de reservas.

Elodia Lebourg – Durante esse tempo, o senhor deu aula só para a graduação ou para a pós também?

Carlos Pereira – Não, na UFOP a pós foi criada só em 1997. Depois disso, eu fui fazer doutorado, de 2000 até 2004. Em 2004, quando terminei o doutorado, passei a dar aula na pós. Tem dois anos.

Elodia Lebourg – Em qual área é seu doutorado?

Carlos Pereira – Tecnologia Mineral também, que é a área que trata o minério. Da forma como o minério é extraído, não tem como ser utilizado na indústria. Você precisa enriquecê-lo para entregar para a metalurgia. Aí vem a tecnologia mineral, que estuda e busca formas para concentrar esse mineral [inaudível].

Elodia Lebourg – O que é, então, enriquecer o minério?

²⁷ Praça Tiradentes.

²⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Carlos Pereira – Por exemplo, o minério de ferro comum na nossa região aqui é o itabirito. Itabirito é uma mistura de quartzo e hematita. O quartzo é um mineral que não é interessante, não é? Você precisa de quê? Da hematita. Então, você precisa aumentar a quantidade dessa hematita em relação ao quartzo, para você poder mandar para a metalurgia; senão vai dar muita escória, um material desinteressante na metalurgia. Você tem que enriquecer essa hematita, usando diversos métodos. O gravimétrico é o quê? É diferença de densidade: quartzo é 2.65; a hematita é 5.2, em torno disso. Você o coloca na água – um desce mais rápido do que o outro. Você usa esse tipo de coisa para separar. Ou então a flotação. Você flota um – um tem mais afinidade com o ar, você passa ar por dentro, ele sai por cima; outro tem menos afinidade, ele afunda. [riso] É muito detalhe de coisas, em um curto espaço de tempo. [riso]

Elodia Lebourg – No curso de graduação e na pós-graduação, na UFOP, o senhor deu aula ou ainda dá em quais disciplinas?

Carlos Pereira – Tratamento de Minérios, Planejamento Estatístico. Tratamento de Minérios agora é Tratamento I para a graduação; vou dar na pós também Tratamento de Minérios. E Planejamento Estatístico para a pós. A partir do próximo ano, a gente vai oferecer uma disciplina... Rochas ornamentais, cantaria e história ao mesmo tempo: é uma disciplina eletiva que vai estar disponível para o aluno de Minas²⁹ e para o de História; no futuro, até para outros alunos. Por quê? No meu desenvolvimento, eu percebi que é importantíssimo para o engenheiro de minas ou qualquer engenheiro ter um pouquinho mais de conhecimento da cultura, principalmente da nossa cidade. A gente percebe que tem um acervo riquíssimo e poucos alunos e professores da UFOP conhecem e têm idéia disso tudo. Então, nós estamos pensando em uma disciplina eletiva que reúna isso tudo: a questão da história, a questão do fazer na nossa oficina e, ao mesmo tempo, acaba sendo, por tabela, educação patrimonial. Você vai formar melhor esses nossos alunos. Automaticamente, você afeta diretamente a manutenção desses acervos: vai evitar, às vezes, que um desconhecido vá lá e raspe, coloque o nome ou qualquer outra coisa assim, por não perceber que existe um monumento que tem valor e que precisa ser mantido.

²⁹ Engenharia de Minas.

Elodia Lebourg – Você comentou de uma oficina. Você já tem um trabalho atual, relacionado à geologia, história e cantaria?

Carlos Pereira – Sim. Só lembrando que a gente criou essa oficina em 2000. Em uma tarde, passando raiva lá com pai vendo um jogo do Cruzeiro³⁰, eu percebi... Na época, ele já estava com 78 anos, por aí. Aí eu pensei: “Caramba! Daqui a pouco o senhor não vai dar conta de fazer! Como isso vai continuar em Ouro Preto?” Ele já tinha dado cursos em Ouro Preto, mas os cursos eram curtos, geralmente de 40 horas apenas. Falei com ele: “Oh, se o senhor quiser, a gente pode ir para a UFOP. Vamos experimentar fazer alguma coisa lá”. Aí nós começamos um curso para ensinar a comunidade. Escolhemos 15³¹. Sobraram cinco dos 15 que começaram, porque o trabalho é meio pesado. Desses cinco, todos os cinco hoje trabalham com restauração. Em Ouro Preto, Diniz³² já fez várias restaurações. O Francisco Bárbara, vulgo Chico, fez algumas restaurações tanto aqui como em Itabirito³³. Tem o Sérgio³⁴ também, lá da Chapada³⁵, que tem feito algumas restaurações por aí. Outro, o Celso³⁶, acabou virando um técnico... É gozado, o pai dele falava que antes ele tinha dificuldade, que não sabia o que ia fazer, porque ele não gostava de nada. Depois que entrou na oficina, ele ficava admirado como pai fazia cálculos. Ele tinha dificuldade de calcular volumes. Ele falava: “Mas como é que pode? O senhor só tem quarta série, como o senhor faz esses cálculos?” Aí ele começou a se interessar, foi para a Escola Técnica e hoje está mexendo na área de solos, dentro da Civil³⁷, no Rio³⁸. E assim se foi formando essa equipe muito variada de pessoas. Aí começaram a aparecer projetos paralelos. Nós começamos com a cantaria. Na restauração da Ponte de Marília³⁹, percebemos que, uma semana depois de acabar de restaurar, já estava toda pichada. “Caramba, para que você vai restaurar se a comunidade não acha que isso vale a pena? Como vamos fazer?” Aí começamos a fazer um trabalho junto às

³⁰ Cruzeiro Esporte Clube, time de futebol de Belo Horizonte.

³¹ Alunos.

³² O entrevistado não mencionou o nome completo.

³³ Município de Minas Gerais.

³⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁵ Distrito de Ouro Preto.

³⁶ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁷ Engenharia Civil.

³⁸ Rio de Janeiro.

³⁹ Também conhecida como Ponte do Antônio Dias ou Ponte dos Suspiros, localiza-se em Antônio Dias, bairro de Ouro Preto.

crianças: levamos mil crianças da quarta série de Ouro Preto para a oficina; fizemos palestras em todas as escolas no entorno aqui, não é? Íamos à quarta série, mostrávamos, falávamos. Eles começaram a perceber a cantaria. Foi aí que eles se aproximaram mais de pai. Até na época pai achava que criança podia dar problema, porque você tinha que ter mais cuidado com ela para não se machucar e tudo. Mas depois que começou a mexer com elas, ele falou: “Caramba! É muito melhor mexer com criança do que com adulto!” Porque a criança não tem a percepção, nem tem a preocupação do dinheiro; ela vai mais para se divertir do que... Na verdade, ela não está muito preocupada. E elas o valorizavam, ele era o máximo. E aconteceu... Quando a escola⁴⁰ da Piedade foi visitar, foi em um dia que ele tinha de fazer um exame. Chegaram lá e não o encontraram. Até hoje eu devo a esses meninos, porque eles ficaram tão sentidos! “Como é que a gente vai lá e Seu Juca não está?” Eu falei: “Ah, vocês me desculpem! Foi falha minha, foi um engano”. A questão da presença dele junto da cantaria era uma coisa quase... Para eles, era inseparável, precisava das duas coisas, não é? Acabou que a gente ficou esse tempo todo. Aí começaram a aparecer coisas paralelas, a gente começou a conhecer... Não sei se vocês conhecem as escolas do entorno de Ouro Preto. Tem escolas fenomenais! Todo mundo acha que só as escolas particulares são boas. Tem criança aí, no Morro da Queimada⁴¹, ali no Pocinho⁴²... Você tem criança que já ganhou um prêmio nacional e ninguém de Ouro Preto sabe. Professoras ótimas também nesses lugares. Fiquei conhecendo professoras que têm muito... Eu fui lá para ajudar e acabei aprendendo alguma coisa com elas. Então, nós temos uma equipe muito forte dentro de Ouro Preto. Agora, tem escola em situação muito difícil. Você pega uma professora com 40, 50 crianças dentro de sala de aula. Como ela faz? Essa novela⁴³ que está passando na **Globo**⁴⁴ agora. Outro dia eu estava vendo uma coisa interessante, quase escrevi para lá e dei uma idéia para eles. Um dia, fazendo uma palestra no Morro da Queimada, na Escola Juventina Drummond... Não, não é Juventina, não. É tanta escola, que eu troco os nomes, mas é lá do Morro da Queimada. Tinha uma sala em que

⁴⁰ Escola Municipal Izaura Mendes, na Piedade, bairro de Ouro Preto.

⁴¹ Localizado próximo ao bairro Santana, em Ouro Preto.

⁴² Bairro de Ouro Preto.

⁴³ **Páginas da Vida**, novela que tratou do tema da inserção social e educacional de crianças com Síndrome de Down.

⁴⁴ Rede Globo de Televisão.

eles trabalhavam com crianças com... Não é deficiência, porque na verdade são diferentes, não é?

Bernardo Andrade – Você está falando da Izaura Mendes, não é?

Carlos Pereira – Izaura Mendes⁴⁵. Eu fui lá e achei interessante: como as outras crianças lidavam com essa criança que tinha dificuldade? Com a maior atenção, numa boa! Quase ligo para a **Globo** e falo: “Oh, repensem isso aí! Em vez de vocês procurarem uma escola particular, coloquem-na para colocar⁴⁶ na escola pública, porque ao mesmo tempo valorizaria essa escola pública. A escola pública daqui já está fazendo isso. Então, vocês estão procurando coisas que às vezes já estão aqui perto”. Agora, ao mesmo tempo, eu percebi que muitas escolas também tinham professores despreparados, professores com dificuldade de ler. Você imagina: em um lugar pobre, difícil, se a professora que vai passar as informações para uma criança – que tem pouca chance – tem dificuldade de ler, como vai ser esse negócio? Aí nós começamos, dentro do projeto... Solicitamos às professoras que indicassem as crianças que elas quisessem – duas de cada escola, porque a gente não tinha experiência e ia aprender junto com elas. Levamos essas crianças para dentro da Universidade. Elas vão, até hoje continuamos com esse projeto. São 30 crianças mais ou menos. A gente faz trabalho de reforço de leitura. Ao mesmo tempo – também isso é chato, criança nenhuma quer ficar só estudando –, a gente as leva para o laboratório de biologia, para o laboratório de tratamento. Antes as crianças achavam: “Poxa! A universidade é lugar só de gênio!” Na hora em que eu chegava para elas e falava: “Você acredita que eu tomei três bombas?⁴⁷” “Ah! Não é possível! Como você toma três bombas e vem a ser professor?” Eu falei: “Sei lá! Então, você vê. Você tomou quantas?” “Ah, tomei só uma!” “Então você é muito melhor do que eu! Você pode perfeitamente ser professor da Universidade!” [risos] A partir desse momento, elas começam a perceber e a valorizar outras coisas. Amanhã, quinta-feira, nós estamos encerrando um grupo que queria continuar. Eu falei: “Oh, não tem jeito! Nós temos que abrir para outros”. Vamos dar um diploma de participação para eles. Eles trabalharam 192 horas com a gente, fizeram passeios, fizeram um montão

⁴⁵ Tanto o monitor como o entrevistado se confundiram. O nome da escola é Juventina Drummond.

⁴⁶ Provavelmente, o entrevistado quis dizer “estudar”.

⁴⁷ Foi reprovado em três anos escolares.

de coisas, inclusive trabalharam na oficina de cantaria também. Nós vamos passar esse certificado de que eles participaram desse projeto junto com a gente. Esse projeto, nós o apresentamos no último Congresso Nacional de Extensão. Os três artigos que mandamos foram aprovados para publicação oral⁴⁸, que é um artigo mais valorizado. Esses artigos não foram escritos por mim, foram pelos meus alunos. Eu só vou de carona, numa boa! Claro que eu ajudo a verificar algum engano e tal, mas geralmente eles escrevem bem. Então, grande parte dos trabalhos foi dos alunos junto com a criançada. Lá em Florianópolis⁴⁹, todos os três projetos foram muito bem recebidos, não é? É bom salientar isso, porque, dentro da UFOP, dentre os quatro artigos que foram para lá, três foram: um da cantaria, outro com essa criançada e outro... Você começa e vai só desfiando coisa, não é? Você vai ensinar essa criançada. “Espera aí! Perto da casa dela tem alguma forma de se pesquisar? Não tem”. Aí montamos uma biblioteca no Morro São Sebastião, a primeira. Hoje essa biblioteca, com o apoio da Novelis, dentro de seu programa de doação e patrocínio... Nós conseguimos um recurso e compramos duas vezes livros que a criançada quer: **Harry Potter**⁵⁰, **Código Da Vinci**⁵¹, não é? Tudo lá no Morro São Sebastião. Quando você quiser, pode ir lá que tem. Hoje nós temos seis mil exemplares. Isso está funcionando desde 2002 e nunca sumiu! O interessante de lá é o contrário do que acontece nas universidades: não desaparecem livros. Por incrível que possa parecer, até hoje não desapareceu um! Agora nós estamos tentando montar o mesmo modelo em Saramenha de Cima⁵². Já estamos começando a nos organizar para abrir a biblioteca lá. Depois, a gente vai fazer a mesma coisa no bairro Santa Cruz. A idéia é formar uma biblioteca em cada uma dessas comunidades. Por quê? Como uma criança vai pegar um ônibus, vai pagar dois e tanto, sei lá quanto, para sair de Saramenha e vir aqui? É difícil para os pais, é caro e, às vezes, ela não tem condições de fazer isso; às vezes é inviável, porque a criança é pequena. E não é só criança. No Morro São Sebastião a gente teve a maior surpresa: pais com bota suja e tal, chegando do serviço, vão lá pegar o livro. Então, essa

⁴⁸ Provavelmente, o entrevistado quis dizer “escrita”.

⁴⁹ Capital de Santa Catarina.

⁵⁰ Série escrita por J. K. Rowlings.

⁵¹ Livro escrito por Dan Brown.

⁵² Bairro de Ouro Preto.

coisa de falar que brasileiro não lê é conversa! Se você disponibilizar, se você criar algumas opções para ele... Essa opção no Morro foi superbarata – nós não devemos ter gasto mais do que uns seis mil, sete mil reais. Não sei se foi isso tudo, não é? Hoje, lá já tem uma bibliotecária, da Prefeitura, que cuida dos livros. Então, a nossa meta no futuro é criar esse cinturão de bibliotecas em torno da cidade. Depois que a gente passar daqui, vai abrindo para esse mundo afora, passa para os distritos.

Elodia Lebourg – O senhor faz isso com a parceria da Universidade?

Carlos Pereira – Dentro da Universidade, é um projeto de extensão. Era uma coisa que não existia na minha época. Nós temos projetos de extensão e de pesquisa. Na pesquisa, nós pesquisamos a cantaria também. Tem a pesquisa oral que fala sobre pai, sobre a cantaria. Temos um projeto que devemos apresentar à FAPEMIG⁵³ agora, na próxima vez, sobre a cantaria na Estrada Real⁵⁴. Nós já fizemos esse caminho, saímos de Diamantina⁵⁵ e fomos parar em Paraty⁵⁶, verificando todas as obras de pedra que tinham pelo caminho. Nós conseguimos, com esse projeto da cantaria, apoio da Petrobras. Hoje, temos um recurso de 162 mil para pagar bolsa para... Nós temos seis alunos na oficina de cantaria, aprendendo. No lugar de pai, ficaram o Chico e o [Zé]⁵⁷ Diniz, que dão curso de cantaria para eles. Nós fomos para a Europa conhecer como é a cantaria na Espanha e em Portugal, e trouxemos parte disso para cá. A deles é muito mais evoluída do que a gente tinha conhecimento. Pai, na verdade, acabou aprendendo por conta dele. Então, a gente veio trazendo essas informações todas. Nesse curto espaço de tempo, é estranho... Desde 2000 até hoje, nós tivemos várias fontes de fomento. Aparentemente, é um projeto que mistura parte social com pesquisa, com extensão. Nós obtivemos apoio de Petrobras, de FAPEMIG, de CNPq⁵⁸, de diversas fontes. Nosso Brasil está mudando. Hoje nós precisamos criar essa visão da nossa comunidade e você pode fazer isso. Não devemos ficar aguardando político nenhum, nem ninguém para fazer isso. Qualquer um de vocês, que se dispuser, tem condição

⁵³ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

⁵⁴ Antigas vias autorizadas de acesso à região das reservas auríferas e diamantíferas da Capitania de Minas Gerais, que se iniciavam em Paraty ou no Rio de Janeiro e iam até Ouro Preto e Diamantina.

⁵⁵ Município de Minas Gerais, onde terminava o Caminho dos Diamantes, trecho da Estrada Real.

⁵⁶ Município do Rio de Janeiro, onde começava o Caminho Velho da Estrada Real.

⁵⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁵⁸ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

perfeitamente de fazer qualquer coisa e não precisa ser coisa grande. Muita gente quer começar logo no grande. A gente começou com dois mil e poucos reais que a gente conseguiu em um programa de patrocínio da Novelis. A gente comprou as ferramentas... Partimos de 2000, arranjamos uns alunos voluntários e fomos inventando moda. Virou essa coisa. Outro dia eu estava levantando... Nós conseguimos, nesse período todo, até hoje, cerca de 290 mil reais em ferramentas e tudo mais, e tudo disponível para a comunidade. Grande parte retornou para a comunidade. Restauramos mais de oito monumentos dentro da cidade, de graça! Pai já fazia isso antes, a gente continuou fazendo. Dentro dos nossos projetos, coloca-se também uma restauração de algum ponto tipo... Estamos terminando de fazer a restauração do chafariz, subindo as Cabeças⁵⁹, não é? Pai deixou duas cruzes prontas ainda, uma ao lado da ponte do Padre Faria⁶⁰, outra a gente vai ver depois onde colocar, talvez até no Pocinho. A gente tem que colocar alguma no Pocinho, porque as crianças de lá reclamaram, me perguntaram: “Qual é a importância do Pocinho para Ouro Preto?” “Tem, uai! De lá saíram todas as rochas para se construir Ouro Preto.” “Poxa! Por que não se fez nenhum monumento lá?” “É, é uma coisa a se pensar. [riso] Você tem razão!” É interessante elas se preocuparem com isso. Antes elas não enxergavam que participavam de Ouro Preto. Tanto era que, quando você falava com essas crianças, elas falavam: “Eu vou para Ouro Preto”. Elas estão no Pocinho e vão para Ouro Preto! Elas não estão em Ouro Preto! No entanto, lá tem várias coisas interessantes! A gente estava mostrando marcas de canteiro, parte das peças que foram largadas, em que começaram a trabalhar e deixaram lá... Então tem um acervo... Ouro Preto, muitas vezes, as pessoas só enxergam esses monumentos aqui; esquecem que as ruínas fazem parte e têm uma história. Raramente as pessoas olham para as ruínas tanto do Morro da Queimada, como do Jardim Botânico⁶¹. Muita coisa tem aqui, não é? Para você conhecer bem Ouro Preto... Eu não sei se vai dar tempo. Na verdade, eu comecei a enxergar a cidade a partir desse trabalho com pai. Antes, eu não enxergava nada disso, nem olhava! Então, é um alerta também para as

⁵⁹ Bairro de Ouro Preto.

⁶⁰ Bairro de Ouro Preto.

⁶¹ Próximo à entrada de Ouro Preto, em um local conhecido como Passa Dez.

peessoas para ver se, no futuro, começam a ver com mais cuidado. Aqui, mais se olha, cada vez tem mais coisa.

Elodia Lebourg – Você mencionou dois projetos sobre os quais eu queria que você falasse um pouco mais. O primeiro é esse projeto de história oral relacionado ao seu pai, o Mestre Juca.

Carlos Pereira – É. Esse foi iniciado por duas alunas do ICHS⁶², cujos nomes não vou citar porque vou esquecer o de uma. A Deise⁶³ é a última, mais recente, mas tem outra de Amarantina⁶⁴ cujo nome agora me faltou. Elas começaram a levantar todo o trabalho que ele fez ao longo de sua vida, desde como nasceu, como era quando criança, não é? Nesse projeto, ele fala que já nasceu velho, porque já tinha uma preocupação: com 11 anos, queria um espaço, queria melhorar a casa dele; não estava muito preocupado com outras coisas, queria aumentar a casa do pai dele. O pai dele não ligava muito, porque era tropeiro, transportava as tintas para... Na época, tinha a questão das tintas. Ele buscava as tintas lá na serra e trazia para onde é o posto⁶⁵, perto do Pilar ali, para lavar. Assim se formava essa tinta de pigmento, que era mandada para o Rio. Então começou nessa coisa, ele tinha essa idéia. Essa pesquisa oral tenta mostrar tudo isso que ele fez. Foram várias horas, de cor eu não lembro o número de horas levantado. Além disso, pega alguns depoimentos do Ângelo Oswaldo⁶⁶, de mãe, de alguns tios, de várias pessoas que conviveram com ele.

Elodia Lebourg – Qual é o objetivo dessa pesquisa?

Carlos Pereira – O objetivo da pesquisa, na verdade, era deixar registrado o conhecimento e as formas de você guardar um pouquinho essa memória de Ouro Preto. Seja como for, faz parte da memória de Ouro Preto. Nesse período, ele fez várias reformas em várias igrejas, em vários monumentos. Isso é importante depois, para as pessoas terem... “Olha, qual rocha foi utilizada?” Lá estava falando que foi do Itacolomi⁶⁷, ou foi da Estrada Real... Então tem essas informações e essa coisa também da educação patrimonial, porque era uma forma de você chamar atenção da comunidade para os nossos valores.

⁶² Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

⁶³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁶⁴ Distrito de Ouro Preto.

⁶⁵ Posto Ferrari, localizado no Pilar.

⁶⁶ Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, jornalista e prefeito de Ouro Preto à época.

⁶⁷ Pico do Itacolomi, localizado entre Ouro Preto e Mariana.

Pai ficou muito exposto durante esse tempo todo, mas nós temos pessoas de uma capacidade enorme dentro da cidade! Eu me preocupo com isso, não sei se eles vão ter essa oportunidade que ele teve de falar e de tentar ajudar a cidade. Porque, na verdade, ele sentia isso. Também acho que esta é uma função nossa: nós estamos aqui, nesta terra, mais para servir. Neste período em que a gente está aqui, a gente tem que tentar ao máximo, porque a única coisa que serve na vida é você servir as pessoas. O resto não tem valor de nada. E ele trabalhava dessa forma, na forma de pensar. Acabou que incutiu um pouquinho no resto da família.

Elodia Lebourg – E esse material, existe a pretensão disso gerar um livro?

Carlos Pereira – Sim.

Elodia Lebourg – Como vai ser a conclusão do trabalho?

Carlos Pereira – A idéia já gerou um artigo que nós apresentamos em Carmona, na Espanha, em um Congresso de Arquitetura Vernacular, em 2005. E a idéia agora, eu já estou... Um aluno da História vai dar continuidade a isso, um acabamento, vai reler isso tudo. A idéia é transformar em um livro também.

Elodia Lebourg – O outro projeto é o projeto de cantaria na Estrada Real. Como foi esse trajeto? O que vocês encontraram, perceberam no caminho?

Carlos Pereira – A partir do trecho entre Ouro Preto e Ouro Branco⁶⁸, nós começamos a chamar atenção daquelas pontes. Quando construíram a estrada⁶⁹, não perceberam que tinham que deixar um espaço para facilitar o acesso àquelas pontes que são belíssimas! É aquela coisa: tudo que você não cuida, não enxerga, não participa, acaba caindo. Então, a partir disso, nós pensamos: “Caramba! O que não deve estar guardado aí nesses caminhos todos que existem?” Aí fizemos um trajeto. Se vocês não fizeram ainda, façam independentemente do fato de ser Estrada Real que virou muito importante na mídia. A princípio, a gente estava pensando na questão das rochas. Depois, o mais surpreendente: o maior monumento que nós temos, não só na Estrada Real, como em Ouro Preto, como em qualquer parte do mundo, são as pessoas! Nós saímos por esse espaço, saímos de Diamantina e fomos parar em São João⁷⁰. O fotógrafo continuou até Paraty, porque não deu tempo para a

⁶⁸ Município de Minas Gerais.

⁶⁹ Estrada de rodagem que liga as duas cidades e corta a Estrada Real em alguns trechos.

⁷⁰ São João del Rei, município de Minas Gerais.

gente fazer tudo. Foram quatro dias em que a gente se levantava às sete horas da manhã e ia conversando até meia-noite. Você ia conversando com pessoas, você passava em São Gonçalo do Rio das Pedras⁷¹, perto de Diamantina – um pessoal riquíssimo, com uma disponibilidade, com um carinho! Você chegava, tinha prazer em se sentar e conversar, você perdia a sua pressa de vida, não é? Lá eu vi apresentando um reisado⁷², só de negros, mas com uma voz, uma coisa belíssima! Ao mesmo tempo eu fico com medo: será que vale a pena você expor tanto assim essas pessoas? Para não acontecer como tem acontecido em Lavras Novas⁷³: perder-se a alma do lugar. Porque, de repente, é invadido por tantas pessoas, com tantas maneiras diferentes... Você começa a perder um pouquinho a alma do lugar. Eu acho que nem tudo deve ser exposto, porque às vezes acaba. Eu conheci um senhor que mora em um cantão, o Val⁷⁴. O Val é muito interessante, é perto de Diamantina. Chegamos à sua casa, ele virou: “O que você está fazendo aqui?” Eu falei: “Não. Eu ouvi falar que você faz um trabalho em pedra. A gente está atrás de alguém que faz trabalho em pedra.” “Eu tenho uma coisa aqui que vou te mostrar”. Ele trouxe uma peça deste tamanho⁷⁵, que ele escavou no arenito. “Nossa! Que legal o que você fez!” Era bem primitivo, mas tinha um valor dele, da alma dele naquela pecinha. E ele fazia outras coisas. “Você quer comprar essa peça?” Eu falei: “Não é sua? Você vai vender?” “Ah! Te vendo”. O pessoal: “Dez reais”. A gente estava numa dureza! Dez reais iam pesar. Falei: “Está bom. Eu compro por 10 reais”. Ele ficou meio... “Vem cá. Você vai vender isso por muito mais dinheiro, não vai?” Eu falei: “Não vou, não, sô! Não vim aqui para vender peça sua”. Ele falou: “Ah! É porque tem muita gente que já pegou essas peças minhas e nunca ninguém me deu dinheiro!” Falei: “Pois é! É a primeira vez que você está tendo!” Aí ele chamou, já juntou outro vizinho de lá que queria vender mais não sei o quê, cachimbo... Lá tem lavra antiga de diamantes e eles acham muito desses cachimbos de escravos e tudo mais. Aí vieram nos oferecer um montão de coisas. Eu falei: “Não, não. Eu não vim aqui para comprar. Eu só vim para conversar. Eu quero conhecer a sua família”. Trouxe uma meninada!

⁷¹ Distrito do Serro, município de Minas Gerais.

⁷² Também conhecido como Folia de Reis ou Terno-de-Reis, é um espetáculo para homenagear o nascimento do Menino Jesus, no Natal, e os Reis Magos, no dia de Rei, seis de janeiro.

⁷³ Distrito de Ouro Preto.

⁷⁴ Antigo quilombo, distrito de Diamantina.

⁷⁵ Mostra com as mãos o tamanho aproximado da peça.

A gente foi conversar com a meninada, com ele. Foi uma coisa riquíssima! Particularmente, fico com medo de expor uma pessoa com o coração tão livre assim. Muita gente não está preparada para lidar com gente desse jeito, você pode feri-la e atrapalhar às vezes um... A única preocupação dele: “Oh, num fala no Instituti, porque eu tô encostado!” Ele estava com problema, conseguiu um recurso lá do INSS⁷⁶, alguma coisa assim, e o medo dele era perder esse dinheirinho que estava ganhando: “Se eles saberem que tô fazendo isso aqui, vô perdê meu dinheiro”. Nesse meio do caminho, você vai encontrando pessoas assim. Milho Verde⁷⁷... Serro é extraordinário! Tem o Zé Dias⁷⁸, Sô João⁷⁹ também, pessoas assim de um coração! Você chega, eles não têm muita coisa na casa deles, mas o que eles têm de melhor te oferecem, não é? Então você fica. Aí você vai andando por esses lugares. Na hora em que você chega, você chega com a alma meio levinha e com vontade de voltar. Da última vez, eu levei meu menino, minha mulher e minha menina. Meu menino quer voltar de todo jeito! Então é um lugar que... Não com essa percepção que se passa, às vezes, sobre a Estrada Real, mas com a percepção das pessoas que existem ali. Porque eu acho que, muitas vezes, as pessoas ficam muito presas. Monumento é uma coisa, quem dá valor a ele somos nós, porque ele foi feito por pessoas. Eu acho que o monumento maior ainda, que nós temos em Ouro Preto e que está muito pouco aproveitado... Muita gente vê muito o Museu da Inconfidência, a Igreja São Francisco de Assis⁸⁰. Mas tem o Sô Zé Flaviano⁸¹, no Veloso⁸². Se vocês tiverem oportunidade, conversem com ele. É uma pessoa extraordinária! Conhece tudo quanto é encanamento, parte hidráulica... Ele conhece desde quando fizeram o encanamento de Ouro Preto, em 1897, como ele falou comigo. Acho que foi. Ele sabe detalhes importantíssimos! Tem que aproveitar esse conhecimento dessas pessoas, dessa turma toda.

Elodia Lebourg – Em termos de cantaria, o senhor encontrou conjuntos como esses das pontes?

⁷⁶ Instituto Nacional de Seguridade Social.

⁷⁷ Distrito do Serro.

⁷⁸ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁷⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁸⁰ Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, localizada no centro de Ouro Preto.

⁸¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁸² São Cristóvão, bairro de Ouro Preto, também conhecido como Veloso.

Carlos Pereira – Ah, sim! Nós viemos por esse trecho todo. Em Tiradentes⁸³ tem chafariz, mas não é da mesma proporção, porque as pessoas que foram para lá foram diferentes; o formato das carrancas já é mais negróide, a forma das carrancas é bem diferente. Você chega ao Serro – o Serro já é mais rico do que Diamantina, já tem mais trabalho de pedra. No Serro, você tem a Casa do Barão⁸⁴, com umas cadeiras muito interessantes feitas de cromitito, que é uma rocha bem escura. Mas, nesse trecho todo, nada se compara a Ouro Preto, em termos de quantidade de obras. Mas cada lugar tem sua beleza. Nós chegamos a Conceição do Mato Dentro⁸⁵, onde tinha uma peça feita já no século XIX: você vê na figura que é uma escultura de um índio, porque já começa a valorizar as coisas nacionais. Você vai vendo, ao passar por esses lugares, a evolução do nosso Brasil com o tempo. Passamos por Morro do Pilar⁸⁶. Morro do Pilar tem uma história fenomenal, porque foi a primeira metalúrgica de Minas⁸⁷, em mil oitocentos e... Início do século XIX. Depois, fomos para Conceição do Mato Dentro, para Barão de Cocais⁸⁸, Santa Bárbara⁸⁹. O tipo de rocha muda em cada lugar desses. Em Ouro Preto é o quartzito, que veio do Itacolomi. Nesses lugares você tem: xisto, na região de Diamantina; no Serro é o cromitito que tem mais; na região de Catas Altas⁹⁰ já tem uma mistura de xisto com outros tipos de rocha; em Mariana – você olha para os monumentos para você ver – as pedras são mais escuras, é o xisto. A clara é o quartzito. Nós fomos registrando... São João del Rei é belíssimo e é pouco conhecido, apesar de tudo. Fala-se muito, mas São João del Rei tem uma obra muito interessante: pontes bonitas. Agora, no caminho mesmo, na Estrada Real, o que mais se destaca é este trecho aqui, onde tem essas pontes mais preservadas. Na saída para São Bartolomeu⁹¹ também, tem o chafariz de Dom Rodrigo⁹². Aí foi legal, porque pai o tinha restaurado há pouco tempo; Zé Diniz, que foi aluno dele, acabou de restaurar agora, de novo. Restaurou este ano. Então, nesses trechos daqui é que estão mais

⁸³ Município de Minas Gerais.

⁸⁴ Casa do Barão de Diamantina, sobrado construído na segunda metade do século XIX.

⁸⁵ Município de Minas Gerais.

⁸⁶ Município de Minas Gerais.

⁸⁷ Minas Gerais.

⁸⁸ Município de Minas Gerais.

⁸⁹ Município de Minas Gerais.

⁹⁰ Município de Minas Gerais.

⁹¹ Distrito de Ouro Preto.

⁹² Chafariz Dom Rodrigo de Menezes.

preservados e também dá para entender. Ouro Preto era, no século XVIII, a maior cidade da América Latina; maior das Américas na verdade, porque era maior do que Nova York. Hoje não dá para a gente pensar qual o volume de pessoas existia aqui, naquela época. Eu pensava que Salvador⁹³ ou Rio tivesse uma estrutura urbana. Não sei se o Vasconcellos⁹⁴ ou o Augusto de Lima Junior⁹⁵, não lembro bem qual dos dois autores cita que Ouro Preto foi a primeira cidade a ter uma estrutura urbana, porque aqui existiu um tratamento de esgoto, no rio Funil⁹⁶. E nos livros você vê muito cuidado até com a parte ambiental: fala-se que se produzia sabão com as cinzas; então, para fazer queimada, eles falavam que tinha que ter todo o cuidado, um aceiro para você evitar colocar em risco a mata. Já tinha essa percepção e cuidado com a parte ambiental, na época.

Elodia Lebourg – Eu queria saber do senhor, como professor da Escola de Minas, qual é a contribuição que a Escola oferece ou ofereceu ao país?

Carlos Pereira – A primeira e maior, com certeza, são os nossos alunos. Até hoje e cada vez mais, nós estamos conseguindo formar um aluno mais completo, com essa visão, como falei com vocês, da questão de pessoa, de cidadão, não com a visão apenas técnica. Além disso, dentro desses projetos de pesquisa e de extensão, nós temos dado resultados muito interessantes. Às vezes, nós somos péssimos em divulgação. Nós somos. Eu concordo. Eu sou um caso pequeno dentro da Universidade, para o tamanho que ela é. Mas você vê esses vários exemplos que estou falando, dessas bibliotecas que a gente disponibilizou para a comunidade. Você tem outros projetos muito interessantes dentro da Universidade: tem o Mambembe⁹⁷, tem o trabalho da Marta de Lana⁹⁸ que pesquisa sobre Chagas⁹⁹ na região de Pirapora¹⁰⁰... Não é só Ouro Preto; na verdade, abrange o Brasil. A importância dele é muito grande, principalmente para a região nordeste de Minas e para o Nordeste do Brasil. Então, nós temos vários projetos não só de pesquisa, como de extensão, que vêm proporcionar uma qualidade melhor de vida para o nosso

⁹³ Capital da Bahia.

⁹⁴ Sylvio de Vasconcellos, arquiteto, urbanista, pesquisador, escritor e professor.

⁹⁵ Historiador e escritor.

⁹⁶ Um dos principais afluentes da região.

⁹⁷ Grupo de música e teatro itinerante.

⁹⁸ Professora da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto.

⁹⁹ Doença de Chagas.

¹⁰⁰ Município de Minas Gerais.

povo. Às vezes, as pessoas não percebem que uma universidade está disponibilizando isso, porque acaba que a gente não faz propaganda e nem faz questão disso. Mas devia para talvez informar melhor o que está sendo feito dentro dela. Isso é um pequeno ponto que eu estou colocando. Coisas maiores ainda do que... Eu não lembro no momento; às vezes, também desconheço.

Elodia Lebourg – Bernardo?

Bernardo Andrade – Não.

Carlos Pereira – [Falei demais, não é?]¹⁰¹

Elodia Lebourg – A gente está terminando e minha última pergunta: o que o senhor achou de ter participado do Projeto Vale Registrar, de ter dado seu depoimento para a gente?

Carlos Pereira – Para mim, foi muito importante, com certeza! É uma oportunidade para informar sobre a Universidade, o que a Universidade está fazendo, e para também informar melhor sobre Ouro Preto. Acho que nós, ouropretanos e não ouropretanos também, precisamos conhecer melhor essa terra nossa, precisamos urgentemente dar mais atenção para essas crianças, principalmente na parte de educação. A gente percebe que hoje se investe muito em computador, em outras coisas. A criança não está precisando disso, ela está precisando de alguém que a ouça, que fale com ela. Não precisa de computador; computador é uma ferramenta que ajuda, está certo. Mas o mais importante que eu tenho percebido nesses projetos que nossos alunos desenvolvem na Universidade... Muitas não têm chance de falar, principalmente as que têm mais dificuldade, não é? Então, eu acho que, quando a gente pensa em segurança na cidade e tudo mais, se pensa primeiro em dar atenção não só às crianças, aos adultos também. Este mundo nosso hoje está ficando muito solitário. Na minha época de menino, por exemplo, era comum a gente se visitar. A gente não se preocupava tanto em incomodar. Você chegava e conversava e almoçava e jantava tranquilo, sem nenhuma dificuldade de constranger o visitante. Hoje a gente está mais fechada, cada um está muito no seu mundinho. Eu acho que a gente tem que começar a retornar à antigüidade nessa questão aí, na parte social principalmente, não é? Obrigado pela oportunidade. Foi muito bom conversar com vocês aqui.

¹⁰¹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Elodia Lebourg – A gente é que agradece! Muito obrigada!

Carlos Pereira – De nada.

[Término da entrevista]